

Prolegômeno à Apologética

Dr. Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O que segue é um excerto de uma carta do autor a um estudante cristão que estava enfrentando vários dilemas como um estudante de Filosofia numa Universidade importante. Antes de entrar numa discussão longa dos problemas particulares sendo expostos a esse estudante, o autor tentou apresentar brevemente o cenário ou esboçar uma estrutura na qual as respostas poderiam ser dadas. Esse prefácio está reproduzido abaixo.

Devo dizer que aprecio a franqueza intelectual da sua carta; freqüentemente aqueles de nós com persuasões fundamentalistas dão crédito ao ditado de Marx de que a religião é o ópio do povo, ao deslizar em sérios problemas filosóficos sobre nossa fé e contentarmo-nos com a boa sensação que ela nos dá. Eu posso simpatizar com os dilemas que você está enfrentando e sentir-me de certa forma como um “amigo de viagem” neles. Em minha obra filosófica cheguei a ver a verdade concreta de Colossenses 2:3 – em Cristo (que é Ele mesmo a Verdade, João 14:6) estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e conhecimento. Sem começar e terminar nossos esforços intelectuais com Ele, toda a base para história, lógica e ciência é destruída. O homem que luta contra o Evangelho, então, está trabalhando para arruinar as próprias ferramentas de destruição que usa. Paulo sabia que esse era o caso. Em 1Co. 1:18ss ele nos diz que aqueles que tolaemente abraçam a sabedoria do mundo, vêem a pregação da cruz (e eu poderia adicionar, todas as pressuposições teológicas necessárias que acompanham essa pregação) como loucura, embora na verdade seja o poder de Deus para a salvação (da mente, como de tudo o mais). “A loucura de Deus é mais sábia do que os homens”, e Deus “destruir[á] a sabedoria dos sábios, e aniquilar[á] a inteligência dos inteligentes”. Portanto, “onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?”; eu digo um firme “amém” à pergunta de Paulo. Apenas olhe para você, para a história da filosofia, e considere a vida pessoal dos desprezadores cultos do Cristianismo, e você poderá ver quão louca é a sabedoria do mundo! Assim, temos garantia bíblica para uma ousadia humilde na teologia filosófica, como a vejo, pois podemos chegar a qualquer questão sabendo que sua solução é encontrada verdadeiramente em Cristo. Paulo não nos diz para escondermos nossa cabeça na areia quando enfrentando a filosofia mundana, mas para “reprovar as obras infrutíferas das

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em janeiro/2008.

trevas” (Ef. 5:11). E ele nos dá direção sobre de que modo devemos fazer isso como filósofos: “Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Cl. 2:8). A advertência de Paulo não é contra a filosofia, mas contra a filosofia humanista, i.e, o pensamento filosófico que começa com suposições e axiomas inventados pelo homem, ao invés de começar com as verdades certas de Cristo e Sua palavra. Comece com o que o homem rebelde e pecador chama de “auto-evidente” e você terminará com loucura, caos ou miséria; mas comece com a Palavra de Deus e tudo da vida faz sentido, cada questão tem uma resposta (com o que não quero dizer uma resposta “fraquinha”!), e a credencial intelectual pode ser mantida.

Paulo diz a Timóteo em sua segunda carta (2:23-25): “E rejeita as questões loucas, e sem instrução, sabendo que produzem contendas. E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade”. O homem que ataca a verdade da Palavra de Deus está se opondo a si mesmo – como uma criança que dá tapa na face do seu pai enquanto sentada em seu regaço. Se não fosse pela graciosa sustentação do pai, ninguém poderia insultá-Lo! Opor-se à perspectiva da revelação de Deus é trabalhar contra tudo o que você é como uma criatura de Deus. O homem conhece a verdade sobre Deus – não um deus, mas o Deus vivo e verdadeiro com todos os Seus atributos divinos –, mas tenta suprimi-la (Rm. 1:18ss.). Paulo diz que Deus revelou-a a eles (todos eles!), e não a deixou à teologia natural ou argumentação filosófica; eles conhecem a verdade sobre Deus inerentemente e confrontam-na para onde quer que olhem ao redor no cenário deles: natural, social, psicológico. O Deus Todo-Poderoso é capaz de falar sem gagueira, sem ambigüidade, sem confusão, e Paulo declara que Ele falou. Deus (mesmo fora da palavra escrita) fez sua palavra clara a todas as criaturas feitas à Sua imagem. E por causa do seu pecado (cujo reconhecimento envolveria muito trauma emocional e mudança na forma de vida e pensamento) eles repelem essa revelação, colocando um pseudo-deus no lugar do Criador (e.g. autoconfiança, finanças, proeza intelectual, etc.). Todavia, sem essa revelação da parte de Deus não haveria nenhuma conexão entre os particulares da experiência e os princípios da lógica, nenhuma uniformidade a ser discernida na natureza, nenhuma harmonia entre o um e os muitos (unidade e diversidade), etc., etc. Assim, quando os homens que partem de suposições humanistas chegam a refutar o Evangelho, eles opõem-se a si mesmos e são impedidos de encontrar a verdade. Nossa réplica deve ser a partir de um fundamento diferente, a partir do fundamento graciosamente plantado sob nós por Deus em Sua misericórdia salvadora: Sua Palavra. Embora nossa tarefa possa não ser recitar versículos de memória (!), todavia, é representar o ensino da Escritura da forma mais clara e enfática, mostrando sua força

interna em contraste com a tolice do humanismo. Nós nunca passamos para o fundamento do nosso oponente, exceto para fazer uma crítica interna dele; nossas armas não foram forjadas pelos inimigos de Deus, mas pelo Espírito de Deus. Essas somente podem combater os ataques violentos contra a nossa fé sem vacilar: “Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo” (2Co. 10:4-5).

Em 2 Timóteo Paulo disse que os ataques à nossa fé vem de tolos (uma palavra que não tem um tom beligerante no original), e a Escritura tem muito a nos dizer sobre a natureza do pensamento de um tolo: ele rejeita as palavras de Deus, edificando-se sobre a areia (Mt. 7:26); diz que não há Deus (Sl. 53:1), não entende a profundidade e grandeza dos pensamentos do Senhor (Sl. 92:6), levanta acusações contra Deus (Pv. 1:22), confia em si mesmo (Pv. 28:26), seu caminho é correto aos seus próprios olhos (Pv. 12:15), é auto-confiante (Pv. 14:16), sua confiança está presa à Terra (Pv. 12:24), deleita-se em se manifestar (Pv. 18:2), revela a sua própria mente (Pv. 29:11), despreza a sabedoria e a instrução (Pv. 1:7), recusa conhecer a Deus e gloria-se no homem (1Co. 1:3), suprime a revelação clara de Deus e honra a criatura (Rm. 1:22). Observe as palavras de Paulo em 1Tm. 6:3-5: “Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparta-te dos tais”.

Assim, o tipo de filosofia que nós como cristãos devemos evitar é claramente definida: aquela que começa com as verdades autônomas dos homens, rebelando-se contra a revelação autêntica de Deus sobre e dentre de nós, ao invés de pressupor a verdade axiomática da Escritura. Quando defendendo a fé, usamos o fundamento que Deus forneceu, não as alegadas ferramentas intelectuais de autonomia. “Não respondas ao tolo segundo a sua estultícia; para que também não te faças semelhante a ele” (Pv. 26:4). Para o cristão salvo pela graça de Deus, a Escritura está logicamente em primeiro lugar; ela é sua pressuposição, sua autoridade última. Observe que o versículo-chave da apologética cristã (1 Pedro 3:15) que diz que devemos “esta[r] sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” *começa* lançando o fundamento para tal esforço, dizendo: “Santificai ao Senhor Deus em vossos corações!”. Jesus Cristo deve receber a preeminência (Cl. 1:18) em nosso raciocínio, se haveremos de ter uma apologética adequada e fiel. Cristo deve ser o Senhor sobre o nosso pensamento; todo pensamento deve ser feito cativo a Ele. Então, a sabedoria do mundo se tornará loucura. Os problemas intelectuais de

um homem com o Evangelho são em sua base morais em caráter; esse é o porquê Paulo diz em 2Tm. 2:25 que a conversão é para um conhecimento genuíno da verdade. Antes de um homem ser regenerado, ele tem um conhecimento de Deus, mas o suprime e distorce (ao manuseá-lo incorretamente); após o Espírito Santo operar uma mudança em seu coração, ele tem um conhecimento genuíno da verdade – ele não é mais um esquizofrênico intelectual. O “novo homem” é “renovado no conhecimento, segundo a imagem do seu Criador” (Cl. 3:10). Assim, como cristãos apologetas temos uma ousadia humilde; ousadia porque nossa teologia filosófica baseada sobre a revelação de Deus é poderosa para destruir todo argumento que se opõe ao Senhor, todavia humilde porque não produzimos a verdade, mas tivemos os nossos olhos abertos pelo Espírito gracioso de Deus. Nossos pensamentos não são criativamente construtivos, mas receptivamente re-construtivos dos de Deus – isto é, nós “pensamos os pensamentos de Deus segundo Ele”. Sobre essa base podemos achar uma solução apropriada para os nossos dilemas.

Fonte: <http://www.cmfnow.com/>